

400

A

LUIZ DE CAMÕES

HOMENAGEM

DE

A. F. BARATA

COM NOTAS CURIOSAS E TRES INEDITOS DO POETA

Fungor officio

Cic.



EVORA

Typ. Minerva, de A. F. Barata

1880

A

LUIZ DE CAMÕES

HOMENAGEM

DE

A. F. BARATA

COM NOTAS CURIOSAS E TRES INEDITOS DO POETA

Fungor officio

Crc.



EVORA

Typ. Minerva, de A. F. Barata

1880



e AM.
2058 V.

INCORPORAÇÃO

LUIZ DE CAMÕES

HOMENAGEM

A LI, O VALE, O ANTIPOLO ARGENTINO

QUE O NOME EM VESTIR DEVEU ESTABELECE

A. E. BARATA

DE PAZIS ANDEAS COM SACRIFICIO SUPERNO

COM AQUILO QUE É O PUNTO DE PARTIDA DO POETA

DE QUE EM LOS DE TIPO EM FRASE LINGUA

AS PALAVRAS DE MEMORIA A COMPANHIA

NOSSA DIVINA DA LINGUA LIRA

PELOS SEUS POETAS E SUAS OBRAS

387270

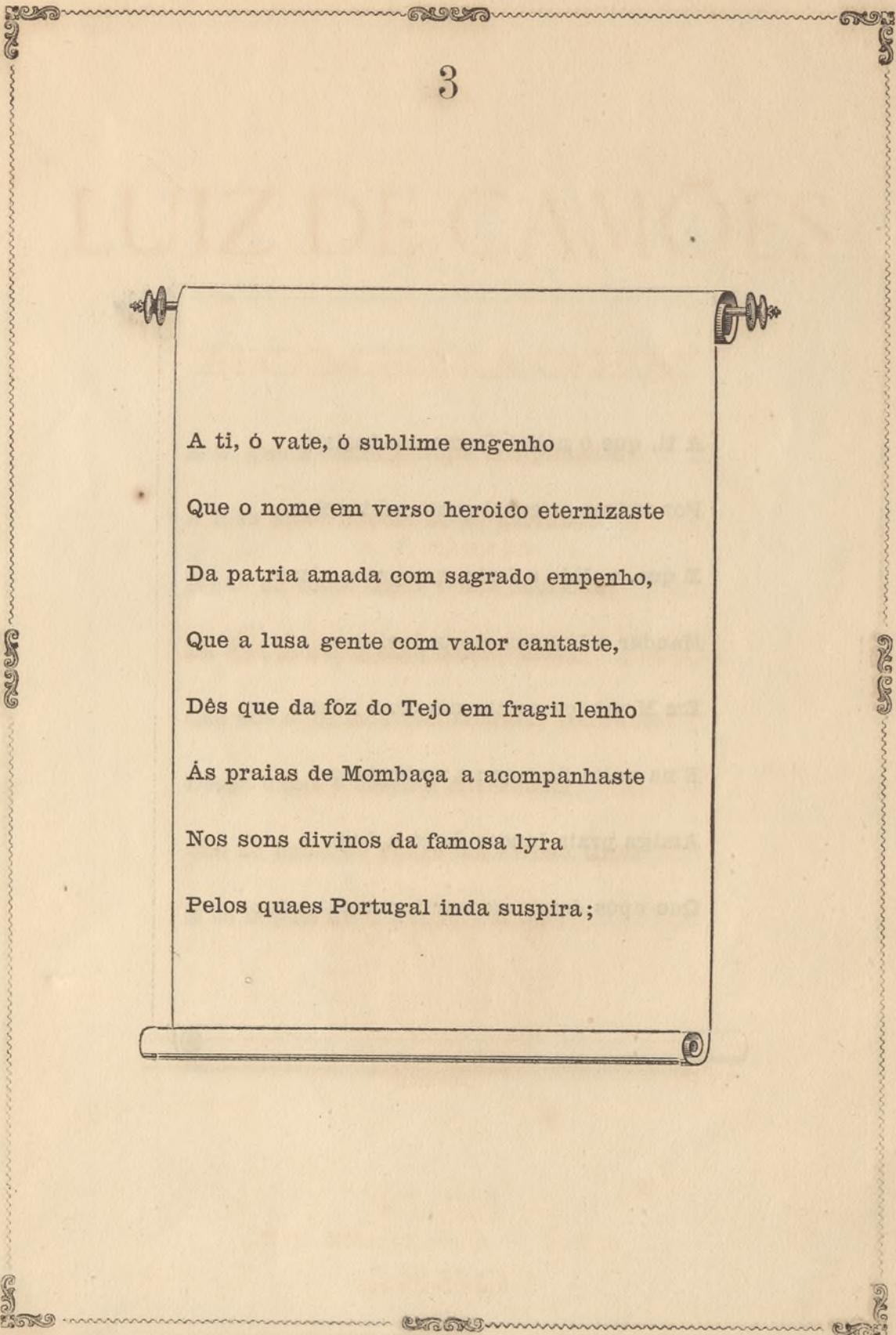
'29

1929

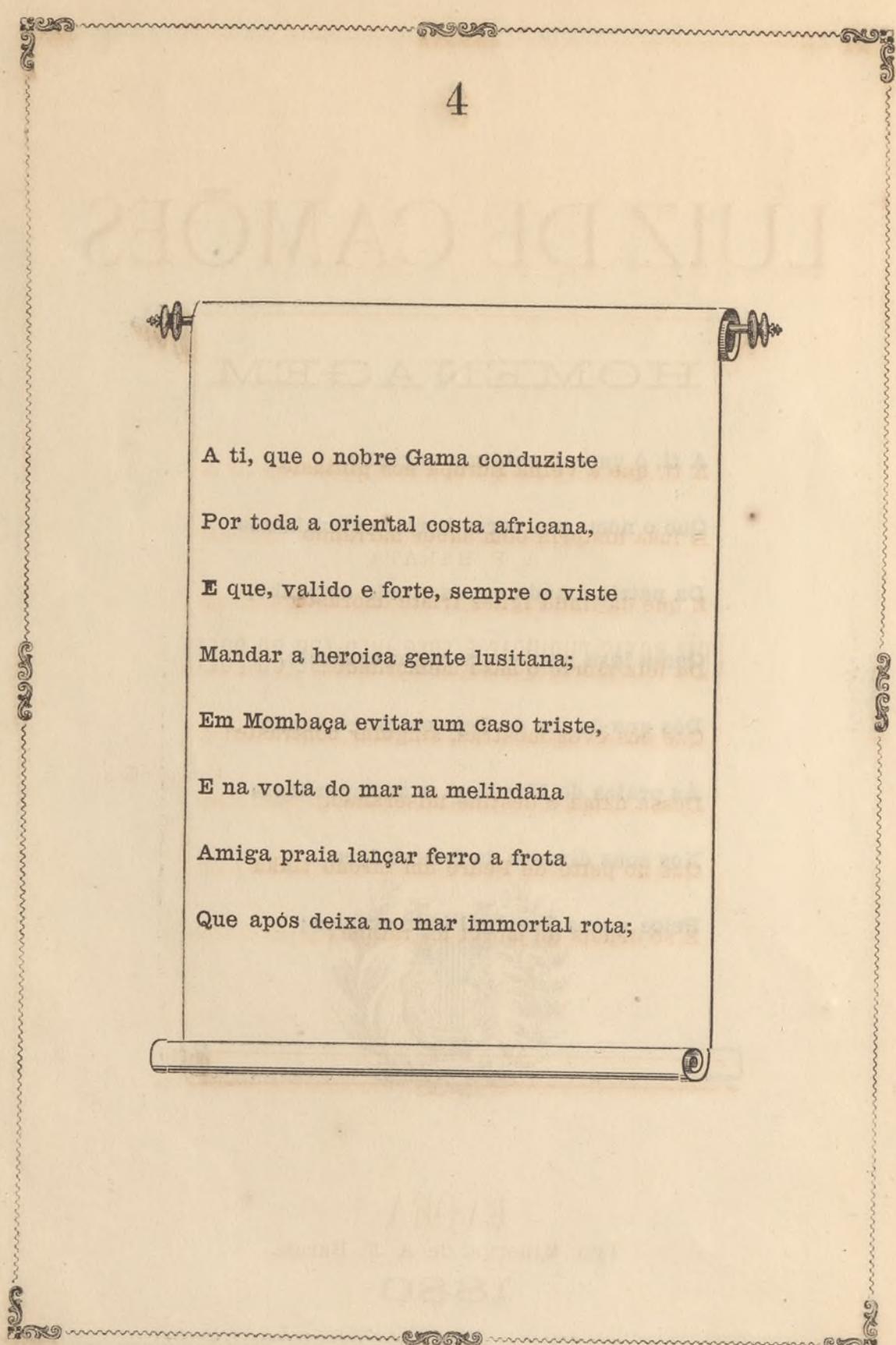
THE LIBRARY OF A. E. BARATA

1880

ml-382844



A ti, ó vate, ó sublime engenho
Que o nome em verso heroico eternizaste
Da patria amada com sagrado empenho,
Que a lusa gente com valor cantaste,
Dês que da foz do Tejo em fragil lenho
Às praias de Mombaça a acompanhaste
Nos sons divinos da famosa lyra
Pelos quaes Portugal inda suspira ;



A ti, que o nobre Gama conduziste
Por toda a oriental costa africana,
E que, valido e forte, sempre o viste
Mandar a heroica gente lusitana;
Em Mombaça evitar um caso triste,
E na volta do mar na melindana
Amiga praia lançar ferro a frota
Que após deixa no mar immortal rota;

A ti, que a velha Europa nos pintaste

A lusa historia com saber narrando,

E que da linda Ignez triste choraste

Da feia morte o caso memorando;

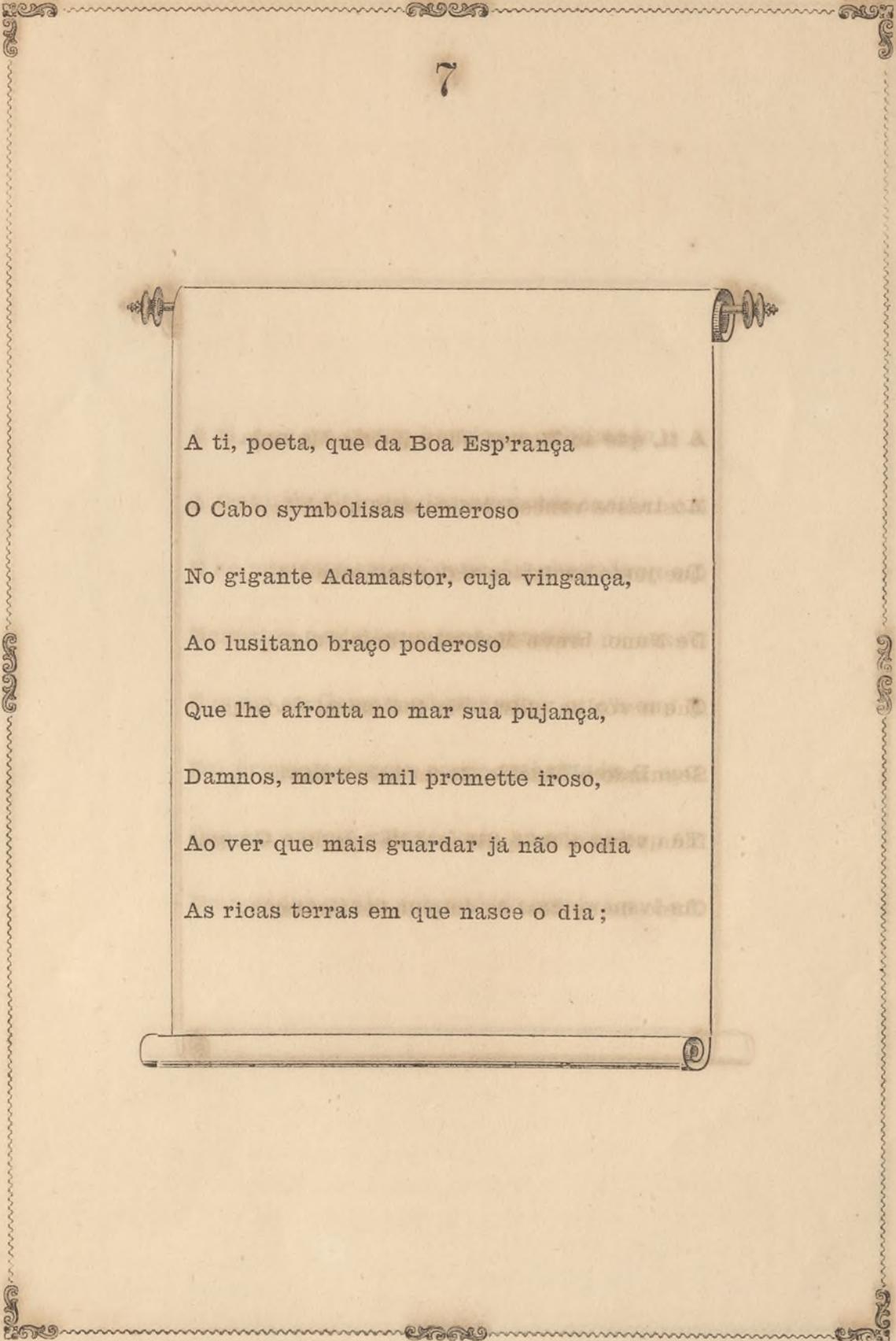
Que aos evos mostras, singular contraste!

Dessa dama o destino miserando,

Que no peito de Pedro um throno tinha

E só depois de morta foi rainha;

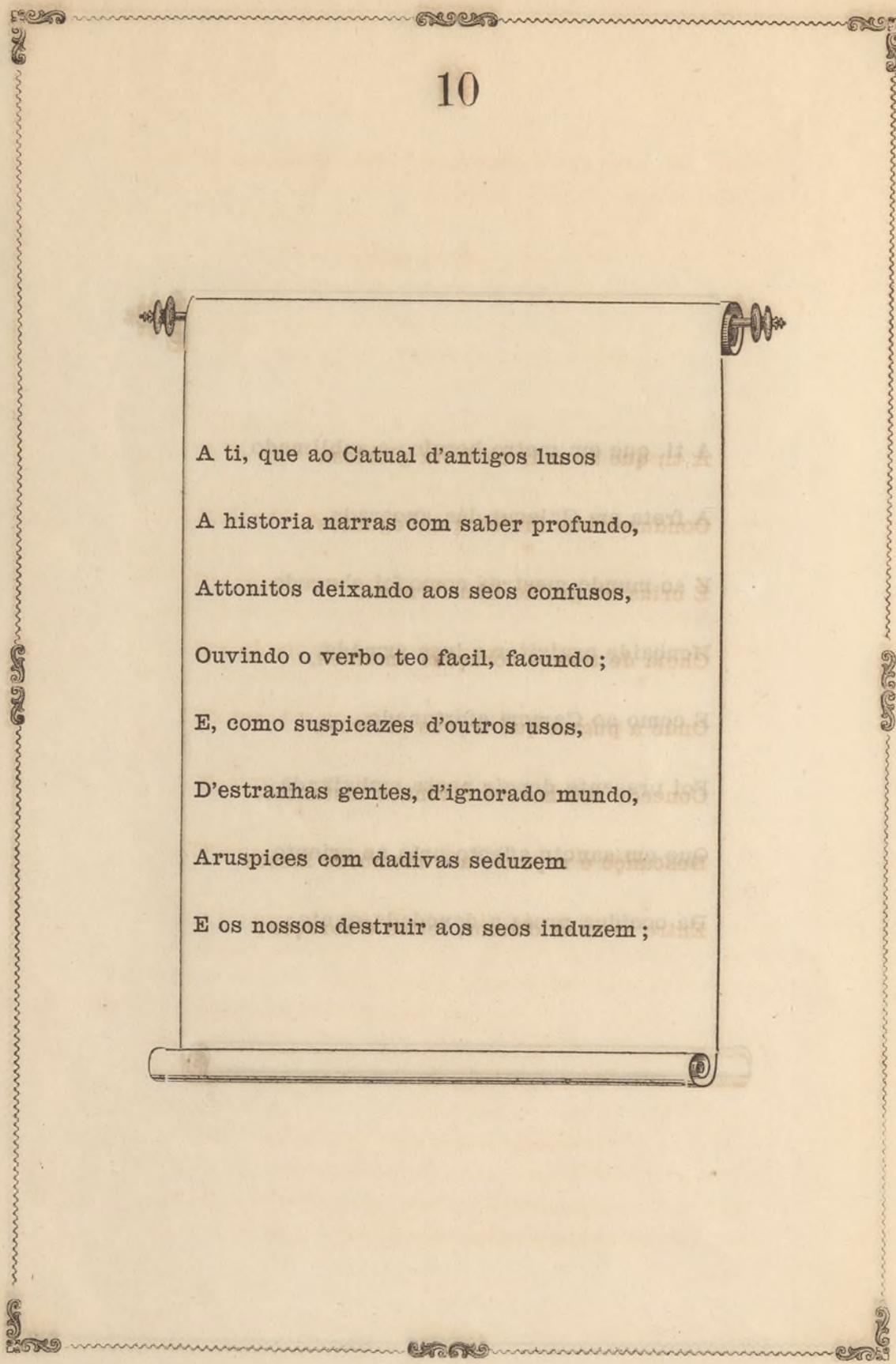
A ti, que ao Mestre nas ingentes luctas
Mostraste vencedor do castelhano;
Que justo preito ao valor tributas
De Nuno, bravo Marte lusitano;
Que a voz da patria em teu metro escutas
Seguindo o illustre Gama no oceano
Inda virgem de quilhas e de sondas,
Cheio de syrtes, de empoladas ondas;



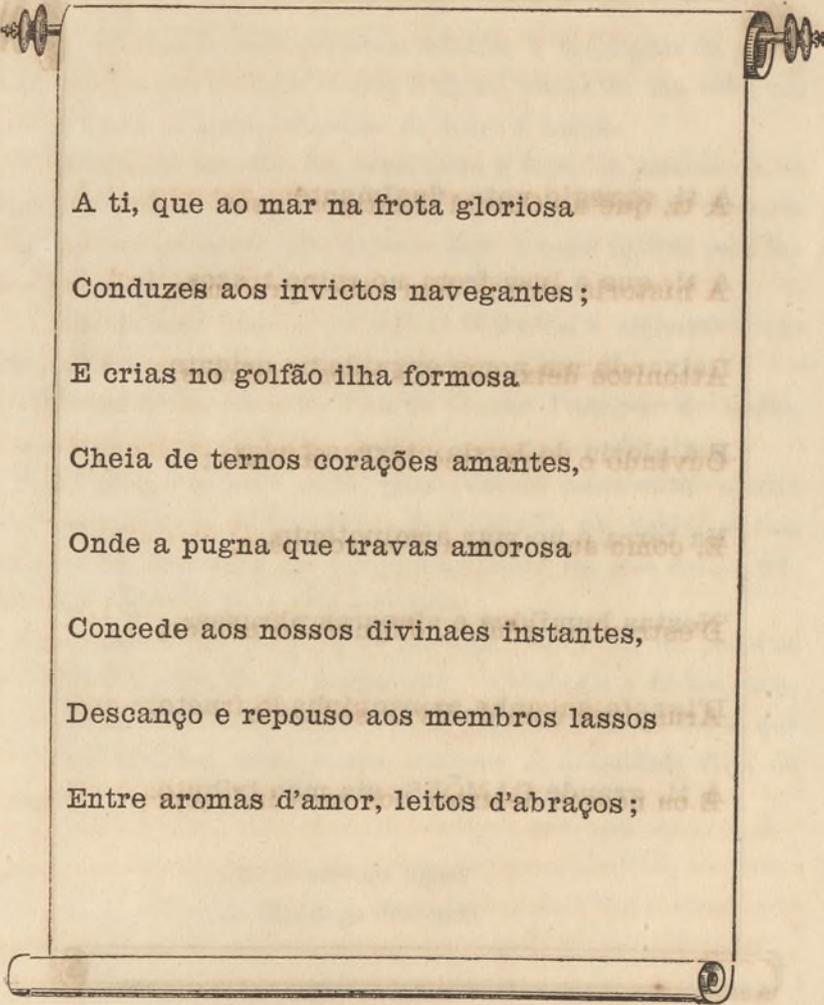
A ti, poeta, que da Boa Esp'rança
O Cabo symbolisas temeroso
No gigante Adamastor, cuja vingança,
Ao lusitano braço poderoso
Que lhe afronta no mar sua pujança,
Dannos, mortes mil promette iroso,
Ao ver que mais guardar já não podia
As ricas terras em que nasce o dia;

A ti, que após narrada a patria historia
Ao indiano rei cortez e amigo,
De novo a senda que conduz á gloria
Fazes ao Gama desbravar sem p'rigo,
E que d'alto valor pões por memoria
Dos Doze d'Inglaterra o caso antigo,
Té que ás terras que banha o Indo e Ganges
As lusas quinas a abraçar constranges;

A ti, que em metro heroico e sublimado
A frota em Calecut dás ancorada,
E ao mundo mostras como foi chegado
Monçaide a visitar a lusa armada,
E como ao Çamori afortunado
Foi presente depois nossa embaixada,
Que em sancto affecto unia ao oriente
Da occidua praia a denodada gente;



A ti, que ao Catual d'antigos lusos
A historia narras com saber profundo,
Attonitos deixando aos seos confusos,
Ouvindo o verbo teo facil, facundo ;
E, como suspicazes d'outros usos,
D'estranhas gentes, d'ignorado mundo,
Aruspices com dadivas seduzem
E os nossos destruir aos seos induzem ;

A decorative scroll frame with ornate metal clasps at the top and bottom corners, enclosing the text.

A ti, que ao mar na frota gloriosa

Conduzes aos invictos navegantes;

E crias no golfão ilha formosa

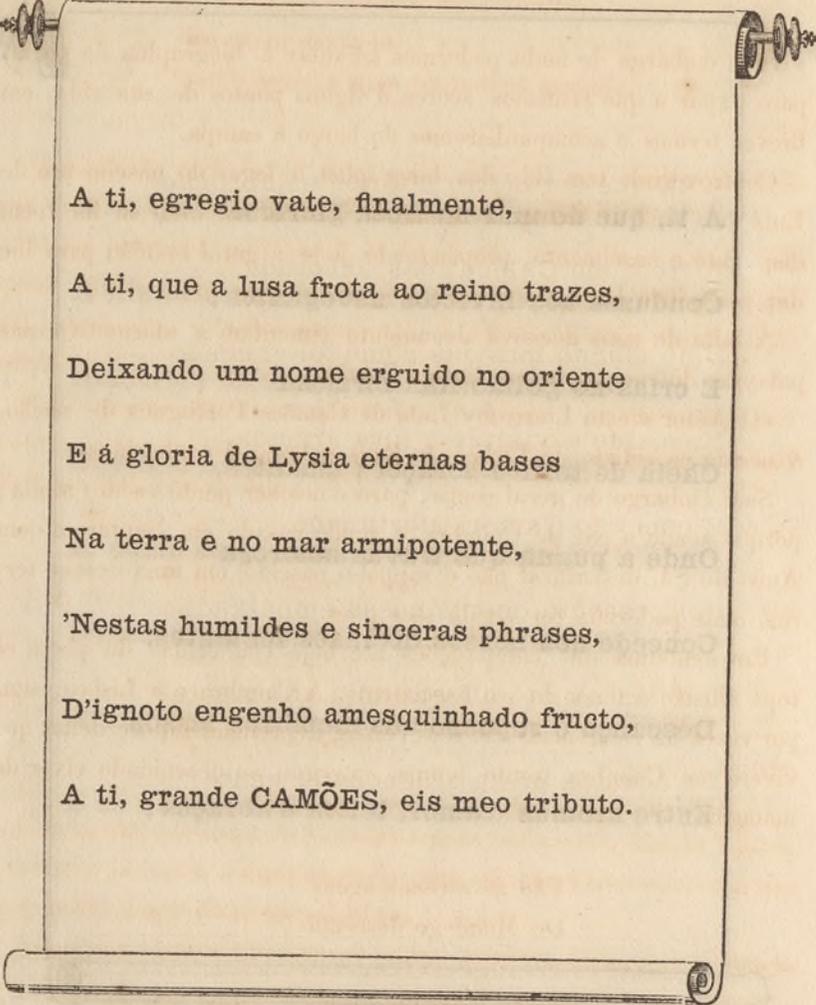
Cheia de ternos corações amantes,

Onde a pugna que travas amorosa

Concede aos nossos divinaes instantes,

Descanço e repouso aos membros lassos

Entre aromas d'amor, leitos d'abraços;



A ti, egregio vate, finalmente,
A ti, que a lusa frota ao reino trazes,
Deixando um nome erguido no oriente
E á gloria de Lysia eternas bases
Na terra e no mar armipotente,
'Nestas humildes e sinceras phrases,
D'ignoto engenho amesquinhado fructo,
A ti, grande CAMÕES, eis meo tributo.

NOTAS

VIDA DE CAMÕES

Sem embargo de nada podermos adiantar á biographia do poeta, para expor o que sentimos ácerca d'alguns pontos de sua vida, em breves termos o acompanharemos do berço á campa.

Controvertido tem sido dos biographos o logar do nascimento de Luiz de Camões. Alemquer, Coimbra, Lisboa e Santarem lhe teem disputado o nascimento, propendendo hoje a geral opinião para lhe dar por patria Lisboa.

Á falta de mais decisivo documento cimentam a affirmativa nas palavras do commentador Gaspar Corrêa :

«O Autor d'este Liuro foy Luiz de Camões Portuguez de nação, & criado na cidade de Lisboa de Pays nobres, & conhecidos.»

Sem embargo do geral sentir, parece-nos ser ponto escuro ainda ; porque sendo o pae de Coimbra e tendo casado em Santarem com Anna de Sá, desnatural não é suppol-o nascido em uma destas terras, onde poderiam ter vivido seos paes.

Em nenhuma das composições até hoje conhecidas do poeta se topa allusão á terra de seo nascimento. A Coimbra e a Lisboa, sim, por vezes ha referencias em seos versos, deprehendendo-se dellas que vivera em Coimbra muito tempo, entregue ao descuidado viver do mancebo :

Vão as serenas agoas
Do Mondego descendo

.....
Neste logar amoroso
Onde agora mouro,
'Nesta alegre terra

.....
Leda, fresca e serena
Longo tempo passei.

'Nesta composição allude a uma dama :

.....
 Testa de neve e ouro
 Riso brando e suave, olhar sereno,
 Um gesto delicado
 Que sempre n'alma me estará pintado.

Que allusão será esta? Será porventura já aos amores de toda sua vida? á sua Natercia? a Catharina de Ataide?

Não é provavel, pois que Luiz de Camões devia ter entrado 'naquella cidade muito moço ainda, sem ter tido em Lisboa (dado que alli nascesse) as relações sociaes que o approximariam da dama da rainha.

Antes parece que referencia teriam ás vagas e indeterminadas affeições do rapaz, fogos fatuos d'amores verdadeiros; porque ao sair da Lusa Athenas exclama :

Delgadas aguas claras do Mondego,
 Doce repouso de minha lembrança,
 Onde a comprida e *lubrica* esperança
 Longo tempo após si me trouxe cego,
 De vós me aparto.....

É evidente que saíra de Coimbra: para onde o não diz elle; mas, a crermos já 'neste tempo 'naquella pura affeição a Catharina d'Ataide possivel é que fôsse para Lisboa.

Antes dos vinte e cinco annos parece tambem certo que voltára a Coimbra :

Já do Mondego as agoas apparecem
 A meos olhos, não meos, antes alheios,
 Que de outros differentes vindo cheios
 Na sua branda vista ainda mais crescem.

Camões entrava em Coimbra com *os olhos cheios de outras aguas* nascidas da saudade de um bem auzente: provavel não é que o mancebo de 12 ou 15 annos fôsse para Coimbra estudar já com a alma d'aquelle modo captiva, antes se deve presumir ter elle mais idade e não ser mesmo aquella a vez primeira que n'ella entrava.

Não se sabe que destino seria o do poeta ao deixar definitivamente Coimbra; presume-se que fôra para Lisboa. Mas, concluiria Camões seos estudos na Universidade? Nenhum documento subsiste que nol-o certifique, podendo affirmar-se que nem mesmo sabemos se 'nella se matriculára, pois que os livros de matriculas mais antigos que alli se guardam são de 1573, um anno depois da publicação dos *Lusiadas* e quando o grande homem, já avergado á doença e pobreza, apressadamente descia a escada da vida.

É 'neste periodo de sua existencia que, com mor probabilidade, o devemos suppor enamorado da filha de D. Antonio de Lima, dama da rainha D. Catharina.

O trato com os homens de sua idade, fidalgos ricos como elle o era pobre, quiçá lhe daria entrada no paço, onde por aquelle tempo já deviam circular suas composições poeticas e estrondear o echo das brigas em desaggravo da propria honra, da dos amigos ou em defen-
sa dos fracos — que sempre aquelle braço que manejava a penna não menos brandia a espada a se crusar com a do adversario.

Em 1550 alistava-se para ir servir na India, por que diz o respectivo documento :

«Luiz de Camões filho de Simão Vaz e de Anna de Sá moradores em Lisboa a Mouraria Escudeiro de 25 annos barbiruivo trouxe por fiador a seo pai vae na nao dos Burgalezes.»

Assim, occasião se offerece para observar que o poeta devia ter nascido no anno de 1525 ou ainda nos fins de 1524, dado que ao alistar-se tivesse 25 annos e alguns mezes.

A affirmativa da maioria dos biographos 'nesta parte ao considerarem-no nascido em 1525, não tem fundamento plausivel: Camões nasceo em 1524 ou 1525.

Parece não se poder duvidar de seos amores com Catharina d'Altaide, dama que morrera moça nos paços reaes e que não repudiá-

ra aquelle affectuoso tributo, como elle nol-o certifica ao sair para a India :

Já chegado era o fim de despedir-me,
 Já mil impedimentos se acabaram
 Quando rios de amor se atravessaram
 A me impedir o passo de partir-me.
 Passei-os eu com animo obstinado...

As causas de se alistar para ir servir na India são conhecidas em parte. Depois de cumprir degredo temporario 'numa terra propinqua ao Tejo, talvez a villa de Punhete, a duas legoas d'Abrantes, degredo, quiçá pretextado por D. Antonio de Lima para affastar da côrte e da filha o fidalgo pobre é evidente, como elle escreveu :

Aqui me representa esta lembrança
 Quão pouca culpa tenho

 Vejo o puro, suave e rico Tejo
 Com as concavas barcas.....

Depois de servir em Ceuta algum tempo nos annos de 1546 a 1549 ou 1550 a 1553 como aventam alguns, e d'alli perder um olho em combate contra mouros ; depois de estar preso onze dias por ter ferido no pescoço a um creado do rei, Gonçalo Borges, quando acudira por uns amigos, Camões saía da prisão para sair do Tejo no dia 24 de março de 1553, com 28 annos de idade.

Ao chegar a Goa escreveu para o reino a um amigo :

«Porque quando cuido, que sem peccado, me obrigasse a tres dias de Purgatorio passei tres mil de más lingoas, peores tenções danadas vontades, nascidas de pura enveja, de verem su amada yedra de si arrancada, y en otro muro asida, da qual tambem amizades mais brandas, que cera, se acendião em odios, que desesperavão, & lume, que me deitava mais pingos na Fama, que nos couros de hum leitão. Então ajuntou-se a isto acharem-me sempre na pelle a virtu-

de de Achilles, que nam podia ser cortado senão pelas solas dos pés, as quaes de mas nam verem nunqua, me fez ver as de muitos...»

Governava a India D. Pedro de Mascarenhas, succedendo-lhe em 1555 Francisco Barreto, que a governou até ao anno de 1558. Foi em seo tempo que o poeta escreveu os *Disparates na India*, que lhe grangearam o desamor de Barreto e o desterro para Macau escondido na humanitaria nomeação de *Provedor-mor dos Defuntos*. E diz 'nelles :

Ó vós, que sois secretarios
Das consciencias reaes,
Que entre os homens estais
Por senhores ordinarios :
Porque não pondes um freio
Ao roubar que vae sem meio
De baixo de bom governo ?

Mais transparente não pode ser a satyrica allusão a Francisco Barreto.

Durante a sua residencia em Macau é que suppomos daria começo ao seo immortal poema, ou, quando menos, grandemente o adiantaria o solitario trovador da gruta de Patane.

E, na verdade, o canto X pelo menos, devia ou estar por escrever ou simplesmente começado ; porque se estivera concluido não diria o poeta o que diz na estancia que vae seguir, a menos que não antevisse um naufragio, o que, sem reparo maior, pomos de parte :

Este receberá placido e brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado.

Ao volver a Goa naufragou nas costas de Camboja e foz do Mecom, a que se refere em cima, e alli, na lucta com as ondas, podera salvar duas vidas, a que se lhe extinguiu em 1580 e a que, immortal, subsiste ainda no seo immortal poema.

Catharina de Ataide fallecera por 1555 ou 1556. Sem duvida á morte della fôra composto o conhecido soneto :

Alma minha gentil que te partiste

e aquell'outro em que, ao fallar de um lobo, geme esta saudade :

E o outro por meo damno me matou

A cordeira gentil que eu tanto amava

Perpetua saudade d'alma minha.

Camões chegou a Lisboa na nao Santa Clara em abril de 1570, 17 annos depois de sair do reino na nao S. Bento.

O viver de Camões na capital, desde a publicação do Lusíadas até á saída infeliz de D. Sebastião para Africa em 1578, é desconhecido. O não ir elle na armada facil explicação encontra nos achaques que para tão perto da morte o arrastavam. Camões ficou para não ver expirar nos africanos areaes a forte dynastia d'Aviz.

Cobriria-se de crepes o reino com o tremendo desastre de suas armas, e Camões, que lhe cantára as glorias, era envolvido nas dobras do funereo manto, e no dia 10 de junho de 1580 (1) depois de contemplar a immersão do Cardeal Rei no tumulo e de assistir ao pallido governo de transição, que vendera a patria ao castelhano, finou-se com ella « . . . *pobremente em hua casa pobre que esta ou estaua na 1.^a traussia a mão direita passando o postigo de S.^{ta} Anna e he a ultima pegada a cerca dos P.^{es} de S.^{to} Antão . . . » (2)*

O logar em que foi sepultado o poeta está hoje determinado,

(1) «6:765 rs. no thesoureiro da chancelaria da caza do ciuel a Ana de Sá may de Luiz de Camões que deos haja por outros tantos que ao dito seu filho erão devidos do primeiro de Janeiro do anno de DLXXX ate dez de junho d'elle em que faleceo a rasão de 15:000 rs. por anno de tença em Lisboa XIII de novembro de MDLXXXII per dom duarte de castelobranco.»

SR. V.^o DE JUROMENHA, TOMO 1.^o PAG. 172.

(2) Codice $\frac{CXVII}{1-7}$ da Bibliotheca d'Evora.

maiormente depois dos trabalhos do visconde de Castilho, o famoso traductor de Ovidio e de Anacreonte.

A pobreza extrema em que patriótica tradição nol-o pinta involto, relevem-no os crentes, deve ser grandemente exagerada.

Não é natural que a nobreza com quem privára e a quem cantára, apesar dos crepes que a cobria e lhe lançára não só o desastre d'Alcaçer Kibir mas também a contágio de 1579, deixasse que o anctor dos Lusíadas, livro que duas edições teve 'num anno, acceitasse as sopas da velha Barbara e visse pedir esmola para elle nas ruas de Lisboa ao seo dedicadissimo Jao.

Não é crível que tendo parentes ricos em Evora, estes deixassem morrer em extremo desamparo ao seo consanguineo que tanto com espada e com a penna os nobilitára.

Creemos que não tivesse o conforto que dão os haveres, a abastança sufficiente para combater necessidades imperiosas; mas repugna accceitar tanta penuria por incompativel com o brio dos velhos fidalgos das côrtes de D. João III e de D. Sebastião.

INEDITOS

Com toda a reserva se vão patentear aos amadores do desventurado cantor de nossas glorias tres composições poeticas extas nos codices da Bibliotheca Publica d'Evora por letra do seculo XVI, deixando aos philologos e á critica litteraria o aquilatal-as consoante o merecerem. O soneto que começa :

Aqui neste ás idades consagrado

tem ao lado no ms. a palavra *Camões*.

É, porém, tal o seo sabor anti-camoniano que não nos atrevemos a inteiramente crer que seja do poeta.

O que principia :

Vingo-me em parte estando daventura

mais parece de Camões, sem embargo de certa obscuridade de ideias, porventura nascidas dos máos copistas, ou, quando não, vasado em moldes puramente latinos, como se deprehe de do modo dizer: *estar da parte da ventura*, e do verbo *passar* na accepção de *soffrer*, etc. É composição para estudo, que a escacez de tempo nos não permite.

As trovas — *Ao desconcerto do mundo* dão a lembrar o estylo de Sá de Miranda; mas nas obras deste poeta as não topámos e o sr. Joaquim Antonio de Sousa Telles de Mattos affirma no catalogo impresso dos mss. da Bibliotheca que são do poeta, apesar dos dois codices em que se encontram guardarem silencio a tal respeito. Rasão teria para as attribuir a Camões o illustre paleographo e antiquario.

Eis aqui os ineditos na propria orthographia :

Aqui neste ás idades consagrado
 Campo fatal adonde peregrinas
 Pagam já natural çenso as boninas
 Do barbaro cultor ao duro arado

Aqui neste dabrill throno abrasado
 De edificio composto de ruinas
 Reliquias doces mas de magua dignas
 Aqui foi Troya para meo cuidado

Aqui venho chorar tanta mudança
 E celebrando exequias a memoria
 Acabar de enterrar a minha esperança

Aqui dar destas pedras nova historia
 E aqui deixar ao tempo por memoria
 Camões Doces lembranças da passada gloria.

Soneto de Luis de Camoís

Vingome em parte estando da ventura
 Com seu engano e minha cõfiança
 Q cuida que com seu poder alcança
 Tirarme d'alma uossa fermosura

Q pode mudarme a uida aspera e dura
 Mas não deuos meu bem minha lembrança
 Os olhos pasão o mall e a mudança
 A alma onde uos estaes está segura.

E uendo nossas graças sempre nella
 Meus sentidos em uos sempre enleuados
 Estam tambem cõ ella em minha ajuda

Venso a ventura asi posso mais que ella
 Quem meu mall tem seus peis tam confiados
 Que em mim sendo mudaell seu ser muda.

Ao desconcerto do mundo

Sempre no mundo vi passar
 aos bons graves tormentos
 e pera mais me espantar
 aos maos sempre vi nadar
 em mares de contentamentos

Cuidando alcansar eu assim
 este bem desordenado
 fui mau mas fui castigado
 de sorte que so pera mim
 anda o mundo concertado.

TRIBUTO A CAMÕES

Em 29 de novembro de 1872 falleceu em Evora um adorador do poeta. Era elle João Nepomuceno Ramos, natural das Caldas da Rainha, relojoeiro habil.

Ao lado da ferramenta de seo officio tinha sempre as obras de Camões que a intervallos ia lendo.

Educando seu ouvido na harmonia camoniana, facil lhe era o poetar, no estylo e lingoagem do poeta.

Já que não logrou o assistir ao tricentenario da morte do seo querido poeta, dê-lhe ao menos a nossa curiosidade este seo inedito soneto :

Áquelle cuja lyra sonora
Foi bem mais affamada que ditosa.

IMITAÇÃO.

Se não fôras d'amor tão maltratado
Não serias das gentes conhecido,
Nem teo estro seria tão subido
Nem serias no mundo já lembrado.

Fez amor com que fosses desterrado
Julgando ver teo estro destruido :
Engano! foi o céo do teo partido
P'ra teo nome ficar eternisado.

Cantaste, sim, na lyra malfadada
Bebendo á farta na Castalia fonte,
Honrando a patria, retratando a amada ;

Zombando está do Lethes, do Acheronte.
Teo nome, dama e lyra tendo entrada
«No eterno Templo de Bellorofonte.» (1)

(1) Camões, soneto 160, ediç. de 1815. verso 7.º

OS CAMÕES D'EVORA

De Lopo Vaz de Camões (1) e de Antonio Vaz de Camões, parentes legitimos do poeta, ha noticias certas no archivo da camara municipal desta cidade.

No livro 4.º dos Originaes ha uma *carta delrey*, datada d'Almeirim em 4 de outubro de 1449 allusiva a este individuo que na qualidade de cavalleiro enviára capitulos ao mesmo rei.

Dez annos depois era procurador ás côrtes, segundo uma *carta delrey* datada de Cintra em 17 d'Agosto de 1459 que está no L.º 1.º dos Originaes a folhas 268.

Outra *carta delrey á camara* escripta em Çaragoça aos 16 d'Agosto de 1498, no L.º 4.º dos Originaes a folhas 143 diz que Lopo Vaz de Camões deixára de ser Juiz dos orfãos.

E, finalmente, apparece-nos no L.º 3.º de pergaminho a folhas 131 v. noticia de que ainda existia 'naquelle anno de 1590 um Lopo Vaz de Camões, que já não póde ser o mesmo de 1449, mas sim um neto, visto que não é provavel viver 160 annos, que tantos seriam precisos, pelo menos, para concordancia das datas. (2)

(1) Ainda hoje existe o solar do morgado instituido por Lopo Vaz de Camões na herdade denomina da *Camoeira*, a quinze kilometros ao sulsudoeste d'Evora, um pouco para a esquerda da estrada romana, que desta cidade seguia para Beja, cujos vestigios são patentes ainda em diversos pontos.

Esta torre deve ser do ultimo quartel do seculo XV, talvez dos reinados de D. Affonso V ou de D. João II. Pertence hoje ao sr. marquez de Angeja.

(2) Segundo Severim de Faria a arvore é esta :

Vasco Pires de Camões

EVORA	COIMBRA
Gonçalo Vaz de Camões	João Vaz de Camões
Antonio Vaz de Camões	Antão Vaz de Camões
Lopo Vaz de Camões	Simão Vaz de Camões
Antonio Vaz de Camões	Luiz de Camões
Lopo Vaz de Camões	LUSIADAS (*)
Antonio Vaz de Camões	
Lopo Luiz de Camões	

(*) Brillhante pensamento do primoroso classico, o sr. Camillo Castello Branco, nas *Noites de Insomnia*.

No *Livro dos Irmãos e pedidores da Misericórdia* da mesma cidade d'Evora, feito pelo escrivão Roque d'Almada em 1579, a folhas 45 v. está o termo de Lopo Vaz de Camões, em 16 de Julho de 1583, e logo em seguida, em Setembro de 1602, o do filho, Antonio Vaz de Camões.

Nas *Memorias do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra*, de D. José Barbosa, ha noticias de Lopo Luiz de Camões natural de Lisboa, filho de Antonio Vaz de Camões (natural d'Evora) neto de Lopo Vaz de Camões e de D. Maria da Fonseca.

CAMONIANA DA BIBLIOTHECA PUBLICA D'EVORA

Sabendo-se que fôra D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas quem, durante muitos annos, engrandecera a Bibliotheca da mitra, archivando 'nella milhares de volumes preciosos, havia, em verdade, bem fundadada esperança de que 'nella existisse uma Camoniana, se não das melhores e mais completas, ao menos com algumas raridades de primeira ordem.

Não é assim: nem ao menos tem a edição princeps.

Dê-se, ainda assim, noticia do que no assumpto possui, que bem pouco é:

Os *Lusiada* de Lvis de Camões (sem rosto, começa no canto I)

No mesmo volume:

Rimas de Lvis de Camões / Acrescentadas nesta segunda impressão. Dirigidas a D. Gonçalo Coutinho. Lisboa, por Pedro Crasbeck, 1598. 4.º

É possível que a edição dos Lusíadas seja a de 1597, impressa por Manuel de Lyra.

Ha mais quatorze edições de obras de Camões subsequentemente publicadas até 1873, que por falta de espaço não descrevemos, faltando, ainda assim, as mais estimadas, com excepção da do Morgado Matheus, que a Bibliotheca tem.

Fim.

Escriptos do mesmo autor, que ainda se acham á venda
na Livraria Ferreira, Lisboa & C.^a, rua do Ouro, Lis-
boa:

Jesuitas na côrte — romance historico	500 réis
Cancioneiro portuguez	500 »
Memoria historica sobre a fundação da Sé d'Evora	160 »
Esboços chronologico-biographicos dos arcebispos d'Evora..	200 »
Historia breve de Coimbra — 2. ^a edição	250 »
Miscellanea historico-romantica	250 »

Ha outros cujas edições estão esgotadas.

NB



EFG0000350234